



O Patrimônio Cultural do Méier: As modificações nas Casas Populares Históricas Suburbanas

El patrimonio cultural de Méier: modificaciones en las casas populares históricas suburbanas

E6_07 - Patrimônio Ambiental entre Memórias e Valores

Ronaldo Mercês dos Santos Neto

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
ronaldo.neto@fau.ufrj.br

Gabriel Marques Guedes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
gabriel.guedes@fau.ufrj.br

Juliana Silva Pavan

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
juliana.pavan@fau.ufrj.br

Resumo: A arquitetura residencial de pequena escala constitui um dos principais suportes da memória urbana nos bairros suburbanos do Rio de Janeiro. No Méier, a formação do tecido construído entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX revela um processo gradual de consolidação urbana associado à expansão ferroviária e à difusão de modos de habitar característicos do subúrbio carioca. As casas populares desse período incorporam sucessivas camadas de influências estilísticas, do ecletismo de origem francesa ao neocolonial, com referências às missões espanholas, e posteriormente ao art déco, compondo um conjunto heterogêneo, coerente, marcado pela escala humana, pela relação direta entre edificação e espaço público e pela repetição tipológica. Apesar de sua relevância como conjunto urbano, essas arquiteturas permanecem à margem das políticas de preservação, historicamente orientadas pela excepcionalidade e pela monumentalidade. Nas últimas décadas, intensificaram-se os processos de descaracterização e demolição desses bens, frequentemente substituídos por edificações de maior porte ou submetidos a intervenções que comprometem sua leitura histórica. Este artigo apresenta o

levantamento e o mapeamento das casas populares suburbanas remanescentes no bairro do Méier, analisando seu estado de conservação e as transformações ocorridas ao longo da última década. A pesquisa busca evidenciar como a perda progressiva dessas edificações afeta a continuidade do tecido urbano e fragiliza as ambiências caracteristicamente suburbanas que sustentam a memória coletiva e a identidade local. Ao tratar dessas arquiteturas ordinárias como parte integrante do patrimônio cultural urbano, o estudo propõe a ampliação do debate sobre preservação para além dos objetos excepcionais, alinhando-se a uma abordagem que reconhece o valor dos conjuntos e das permanências no entendimento da cidade como processo histórico em transformação.

Palavras-chave: Subúrbio ferroviário carioca; História urbana e arquitetônica; Preservação do patrimônio cultural.

Resumen: La arquitectura residencial a pequeña escala constituye uno de los principales soportes de la memoria urbana en los barrios suburbanos de Río de Janeiro. En Méier, la formación del tejido edificado entre finales del siglo XIX y las primeras décadas del siglo XX revela un proceso gradual de consolidación urbana asociado a la expansión ferroviaria y la difusión de los modelos de vivienda característicos de los suburbios cariocas. Las casas populares de este período incorporan sucesivas capas estilísticas, desde el eclecticismo de origen francés hasta el neocolonial, con referencias a las misiones españolas, y posteriormente al art déco, componiendo un conjunto heterogéneo y coherente, marcado por la escala humana, la relación directa entre el edificio y el espacio público, y la repetición tipológica. A pesar de su relevancia como conjunto urbano, estas arquitecturas permanecen al margen de las políticas de preservación, históricamente orientadas hacia la excepcionalidad y la monumentalidad. En las últimas décadas, se han intensificado los procesos de descaracterización y demolición de estas propiedades, frecuentemente sustituidas por edificios de mayor tamaño o sometidas a intervenciones que comprometen su interpretación histórica. Este artículo presenta un estudio y mapeo de las viviendas sociales suburbanas restantes en el barrio de Méier, analizando su estado de conservación y las transformaciones ocurridas durante la última década. La investigación busca destacar cómo la pérdida progresiva de estos edificios afecta la continuidad del tejido urbano y debilita los entornos típicamente suburbanos que sustentan la memoria colectiva y la identidad local. Al considerar estas arquitecturas comunes como parte integral del patrimonio cultural urbano, el estudio propone ampliar el debate sobre la preservación más allá de los objetos excepcionales, alineándose con un enfoque que reconoce el valor de los conjuntos y las continuidades para comprender la ciudad como un proceso histórico en transformación.

Palabras-clave: Área ferroviaria suburbana de Río de Janeiro; Historia urbana y arquitectónica; Preservación del patrimonio cultural.

Introdução

As recentes transformações em áreas urbanas consolidadas das grandes cidades brasileiras têm provocado alterações significativas nas paisagens urbanas e nas relações sociais desses lugares. No Rio de Janeiro, os bairros suburbanos da Zona Norte, território que iniciou sua maior ocupação habitacional a partir do final do século XIX¹, se vê afetado por parte dessa dinâmica. Historicamente, o subúrbio é constituído por residências populares e marcado por essas tipologias e influências estilísticas que estabelecem as características e ambiência desse espaço urbano. Dentre esses bairros, o Méier se destaca como uma centralidade suburbana e por possuir expressivos exemplares dessas residências populares históricas, que infelizmente ao longo dos anos vêm sendo modificadas, demolidas e apagadas da história do bairro.

As casas populares, que por vezes apresentam influências estilísticas de diferentes momentos da arquitetura, seja a partir do ecletismo, ou outros exemplares de influências neogóticas, art-déco, protomodernistas, modernistas, neocoloniais, kitsch, dentre outras, não obtém um sentimento para o reconhecimento patrimonial, por parte das instituições de proteção do patrimônio cultural. Essas instituições costumam proteger edifícios com caráter monumental ou em regiões do centro histórico do Rio de Janeiro e proximidades. Essa forma de proteção mantém os patrimônios culturais periféricos da cidade desprotegidos. No caso do Méier, mesmo sendo uma centralidade no subúrbio, os seus patrimônios protegidos são somente os identificados como monumentais, mantendo os seus outros bens identificados como ordinários desprotegidos, os quais são essenciais para contar a história e o modo de vida do bairro.

Dessa forma, a presente pesquisa identificou que essas edificações estão sendo submetidas a diversas formas de modificação, motivadas por fatores como a insegurança, adensamento do bairro, especulação imobiliária e ausência de políticas de preservação. Essas descaracterizações produzem impactos na ambiência e na paisagem urbana, contribuindo com o apagamento da história do lugar e implicando nos modos de viver do bairro.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o patrimônio cultural do Méier, a partir das residências populares históricas suburbanas e as modificações ocorridas entre os anos de 2010 e 2025. Para isso foi realizado um mapeamento com o auxílio da ferramenta do Google Maps/Street View e do georreferenciamento pelo QGIS. Desta forma, a pesquisa traça um horizonte para construir políticas de preservação para a proteção de conjuntos urbanos do subúrbio, que os exemplares de menor notoriedade em sua monumentalidade sejam incluídos. Além disso investigar como essas modificações os impactam na memória coletiva, na identidade local e no modo de vida do bairro.

Os Desafios do Patrimônio Suburbano

A proteção do patrimônio cultural urbano esteve, historicamente, associada a valores que privilegiam a monumentalidade, a excepcionalidade nas áreas centrais da cidade. Essa lógica, ao selecionar determinados objetos como dignos de preservação, produz não apenas esquecimentos, mas hierarquias territoriais. No Rio de Janeiro, tal processo se manifesta de forma particularmente contundente nos bairros suburbanos, onde a arquitetura cotidiana, popular é desqualificada e vista

¹ ABREU, Maurício de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. op.cit., pp 43-71

como patrimônio de menor valor. No Méier, essa desvalorização não ocorre apenas de critérios técnicos, mas está profundamente atrelada ao estigma histórico do subúrbio enquanto espaço secundário e periférico. As casas populares históricas suburbanas do Méier constituem um patrimônio cuja importância reside menos na excepcionalidade individual de cada edificação e mais na força do conjunto urbano que conformam. Casas térreas, sobrados simples, varandas dialogando com a rua, jardins frontais e muros baixos estruturam uma paisagem que expressa um modo de viver suburbano marcado pela proximidade, pela sociabilidade cotidiana e pela permanência. No entanto, por se tratar de arquiteturas associadas à vida popular e situadas fora do centro histórico, essas edificações são reiteradamente excluídas dos processos de patrimonialização. O subúrbio carioca, historicamente construído como território da moradia operária, da classe média baixa e das populações deslocadas pelas reformas urbanas, passa a ser também entendido como espaço de uma arquitetura “menor”, ordinária e substituível. O não reconhecimento das casas populares do Méier como patrimônio cultural não se deve apenas à sua escala ou simplicidade formal, mas à condição de se estar no subúrbio.

John Ruskin foi um dos primeiros autores a abordar o tema da arquitetura como uma ferramenta importante para construção da memória coletiva². Ruskin defendia que os edifícios são testemunhas vivas do tempo e das ações humanas. Para ele a preservação do patrimônio histórico deveria respeitar o envelhecimento natural da matéria, reconhecendo na pátina um valor importante para o bem edificado³. No Méier, contudo, o que se observa não é a ruína digna resultante do tempo, mas um processo de abandono estruturalmente vinculado à valorização imobiliária do bairro. A ausência de políticas de conservação e a negligência institucional transformam o envelhecimento em argumento para a demolição, reforçando a ideia de que o patrimônio do subúrbio é descartável. Dvorak amplia esse debate ao afirmar que o valor patrimonial não reside apenas no monumento isolado, mas na paisagem urbana como um todo⁴. Para o autor, a cidade histórica deve ser compreendida como um conjunto articulado, no qual mesmo os elementos mais modestos desempenham papel fundamental na leitura do lugar. A partir dessa perspectiva, a descaracterização e a demolição das casas populares do Méier representam não apenas perdas pontuais, mas a dissolução progressiva de uma paisagem suburbana que sustenta a memória coletiva e a identidade do bairro. Ainda assim, as políticas de preservação continuam operando de forma seletiva, protegendo exceções monumentais enquanto permitem a perda silenciosa dos edifícios do cotidiano. Françoise Choay aprofunda essa crítica ao evidenciar o caráter ideológico da patrimonialização moderna. Para a autora, o patrimônio é uma construção social que reflete escolhas políticas e culturais, frequentemente orientadas por valores elitizados. Ao privilegiar bens extraordinários, o poder público produz uma memória oficial que exclui as experiências ordinárias e populares⁵. No caso do Méier, essa lógica se manifesta de forma clara, em que as casas populares históricas, por expressarem um modo de vida suburbano e não monumental, são sistematicamente tratadas como entraves ao desenvolvimento urbano, à renovação imobiliária e à arrecadação fiscal.

Mesmo instrumentos concebidos para a proteção de conjuntos urbanos, como as Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APACs), têm aplicação restrita e em poucos bairros no subúrbio

² Formulado por Maurice Halbwachs, que compreende a memória como uma construção social, ancorada nos espaços. Segundo Halbwachs, a memória depende de suportes materiais e espaciais, sendo a cidade e suas arquiteturas fundamentais para a permanência das experiências coletivas

³ RUSKIN, John. *As sete lâmpadas da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁴ DVOŘÁK, Max. *Catecismo da preservação dos monumentos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

⁵ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

do Rio de Janeiro. A não proteção dessas casas é um reflexo direto da desvalorização histórica do subúrbio enquanto espaço cultural. Desse modo, ao permitir a descaracterização e a demolição dessas edificações, o poder público contribui para o enfraquecimento do “espírito do lugar” no Méier. A paisagem resultante tende à homogeneização social, substituindo uma arquitetura enraizada no lugar por edificações genéricas, sem sentimentos, alheias à memória local. Reconhecer as casas populares históricas suburbanas do Méier como patrimônio cultural significa afirmar que a memória urbana não se constrói apenas nos centros históricos e nos monumentos excepcionais, mas também nos espaços do cotidiano, onde a vida se desenrola de forma contínua, de modo que proteger esse conjunto é um ato de valorizar o subúrbio não como território residual da cidade, mas como parte fundamental para contar a história urbana e cultural do Rio de Janeiro.

A Formação Do Méier E A Identidade Suburbana

A formação inicial do subúrbio carioca está diretamente ligada às transformações urbanas iniciadas na segunda metade do século XIX. A construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, inaugurada em 1858, teve um papel fundamental para o crescimento da região. Antes disso, o termo “subúrbio” carrega o estigma da palavra, que infelizmente foi adquirido no futuro. Nesse momento o subúrbio simbolizava, “apenas as áreas periféricas à cidade, que em sua maioria eram valorizadas”⁶, territórios de expansão, associados a certa qualidade ambiental e a um modo de viver que ainda não havia sido marcado pelo estigma da marginalidade urbana. A chegada da ferrovia inaugurou uma nova lógica de ocupação da cidade, estruturada ao longo dos trilhos e das estações, que passaram a organizar o crescimento da Zona Norte. Esse sistema permitiu o deslocamento cotidiano de trabalhadores e de setores da classe média para áreas mais distantes do centro, consolidando um modelo urbano baseado na mobilidade (ABREU, 2013). É nesse contexto que o Méier se constitui como uma centralidade no subúrbio, conectada pela estação ferroviária e pelos investimentos públicos superiores aos dos bairros vizinhos. No entanto, o crescimento do Méier não pode ser compreendido de forma desassociada das reformas realizadas no início do século XX, especialmente durante a gestão de Pereira Passos. Essas intervenções realizadas entre 1902 e 1906, conhecidas como “bota-abaixo”, promoveram a demolição em massa de habitações populares e cortiços no centro da cidade, sob o discurso do “saneamento” e do “embelezamento” da cidade que viria ser apelidada como “cidade maravilhosa”⁷. Inspiradas nas reformas parisienses conduzidas por Haussmann, essas ações buscavam conformar uma capital moderna, alinhada aos ideais civilizatórios da época. Contudo, para milhares de moradores, esse projeto resultou em uma expulsão forçada do centro e a necessidade de reconstruir a vida em lugares considerados periféricos, nos morros ou nos subúrbios ferroviários.

Diante do recenseamento feito pela *Officina da Estatística*⁸ é possível observar esse movimento. A população do subúrbio que em 1870 correspondia a 18,85% do total de habitantes do Rio de Janeiro, e em 1890 correspondia a 17,78%, chega em 1906, momento final da política de Pereira Passos, com o crescimento da população suburbana para a porcentagem de 22,60%, confirmando o aumento expressivo dessas áreas no início do século XX. No Méier, esse aumento se materializa

⁶ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O rapto ideológico do subúrbio: urbanização, cultura e política no Rio de Janeiro (1858–1945). Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 27.

⁷ Expressão usada em 1904 no Jornal O Paiz em textos relacionados ao carnaval. Aparece em 1908 em crônica de Coelho Neto sobre a Exposição Nacional Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos. E em 1934 se consolida como apelido popular do Rio de Janeiro após a marchinha de carnaval Cidade Maravilhosa, composta por André Filho.

⁸ REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal), realizado em 20 de set. de 1906. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1907.

na consolidação de um tecido urbano predominantemente residencial, correspondendo a uma paisagem formada menos por arquiteturas excepcionais e mais pela repetição da simplicidade, pela continuidade e pela convivência. A arquitetura que se estabelece nesse bairro não busca monumentalidade, mas permanência e não se impõe como marco isolado, mas se oferece como suporte para a vida diária. Assim, compreender a formação do Méier é reconhecer que seu valor urbano e patrimonial reside justamente nesse conjunto de arquiteturas ordinárias, capazes de narrar de forma silenciosa a história do bairro.

O Méier, diferentemente das periferias informais que se desenvolveriam com maior intensidade nas décadas seguintes, possuía, em sua maior parte, uma urbanização estruturada em loteamentos regulares. O bairro caracteriza-se pela presença de comércio, serviços e por uma intensa vida coletiva. Embora situado no subúrbio, historicamente esteve entre aqueles que mais receberam investimentos públicos, o que contribuiu para a construção de um forte sentimento de pertencimento e identidade entre seus moradores. Isso se reflete em canções populares como na música cantada por João Nogueira quando fala sobre o bairro: “...o Méier sempre foi o maioral / é a capital dos subúrbios da Central” (Samba do Méier, Wilson Batista e Dunga, interpretado por João Nogueira). O subúrbio carioca, por apresentar distintas formas de ocupação, deve ser compreendido não apenas como uma extensão periférica da cidade, mas como espaço fundamental para a formação histórica e social do Rio de Janeiro, portador de simbologias, dinâmicas culturais e ambiências próprias.

A consolidação do Méier ocorre em estreita articulação com as infraestruturas de transporte da capital. Em 1879, o bairro já era beneficiado pela Companhia Ferro-Carril, com tração animal. Em 1889, foi inaugurada a Estação do Meyer da linha de trem, em função dos lotes recentemente abertos pelo proprietário das terras, Augusto Duque Estrada Meyer. Ele mantinha relações próximas com o Imperador Dom Pedro II, e o acompanhava em suas jornadas, recebendo o título de “Camarista”.

Em 1906, o Méier encontrava-se delimitado pelos bairros do Engenho Novo, Andaraí, Inhaúma e Vila Isabel, estendendo-se da Estrada Grande, atual Rua Dias da Cruz, principal via do bairro, até a Serra dos Pretos Forros, atualmente próxima ao bairro de Água Santa, mas que outrora fora ocupada por escravizados alforriados, que ali construíram suas casas no entorno de núcleos formados por influências religiosas.

Diante disso, ao longo do século XX, o Méier foi se consolidando como um bairro de grande apelo identitário, principalmente por suas casas, mas também pelos equipamentos urbanos, praças, comércios de rua, clubes, cinemas, com intensa vida cultural. Entre 1920 e 1960, o Méier passa pela segunda parte de expansão do bairro, onde se consolida, especialmente, como lugar de moradia, pelo aumento populacional e o desenvolvimento comercial e de serviços, transformando o bairro em fonte abastecedora dos bairros suburbanos. Neste recorte de tempo, o bairro foi beneficiado pela criação da Viação Excelsior, integrando o bairro ao centro da cidade através da linha de ônibus Palácio Monroe - Doutor Dias da Cruz.

Ao narrar as mudanças impostas por essa fase de expansão, Lima Barreto afirma sobre os lados positivos do Méier:

Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em

casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas. (LIMA BARRETO, 2004, p. 440).

Com o seu crescimento até meados do século XX, o bairro era frequentemente conhecido no imaginário popular como “A Princesinha do Subúrbio”, com jardim público, cinemas e uma variedade de comércios e serviços relevantes. Com o passar do tempo, o Méier foi estabelecendo uma identidade própria e expressiva dentro da cultura popular carioca, sendo descrita por Lima Barreto, como “É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos”. É interessante notar que até a primeira metade do século XX, existiu um forte movimento de valorização da vida suburbana, formado pela promessa de que os subúrbios seriam os bairros do futuro (Fernandez, 2005). Nesse sentido, o subúrbio carioca foi associado fortemente aos valores de coletividade, em contraposição ao estigma que reduzia, esta região da cidade, a um lugar marcado pela carência de infraestrutura.

Na metade do século XX o subúrbio teve um crescimento populacional vertiginoso impulsionado pelo êxodo rural no Brasil. Trabalhadores de diversas partes do país se deslocavam em direção ao Sudeste em busca de melhores condições de vida, vindos principalmente da Região Norte e Nordeste, trazendo consigo na bagagem esperança e a cultura do seu lugar. Dessa forma, ao refletir sobre as primeiras ocupações no subúrbio, com descendentes de europeus e africanos, e nesse momento de brasileiros de outras regiões do país, com diferentes hábitos e culturas, formase no subúrbio um ambiente próspero, com uma pluralidade de vivências, que contribui para a formação da identidade cultural suburbana, marcada especialmente por seu caráter popular. Nesse sentido, é interessante atravessar pelo pensamento contemporâneo a época de Gilberto Freyre, que reflete sobre a identidade brasileira quando afirma: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e do negro.”⁹. Freyre reconhece a miscigenação como valor constitutivo da cultura brasileira, ressaltando a importância da cooperação étnico-racial na construção da identidade nacional.

No contexto social do subúrbio carioca, essa identidade também se constitui a partir das sucessivas ondas migratórias que surgem a partir do desenvolvimento industrial e urbano do Brasil, que alcança grandes proporções em partes do país. No entanto, essa abertura econômica do mercado nacional não teve nenhuma intenção integrativa com os negros e nordestinos, o que motivou uma migração em massa dessa população para o Rio de Janeiro, se estabelecendo em grande parte no subúrbio carioca. Para Fernando Barbosa, a presença nordestina nas áreas periféricas do Rio de Janeiro contribui diretamente para a formação de uma identidade territorial verdadeira: “A hegemônica presença de migrantes nordestinos [...] possibilita a construção de sentimento comunitário e dá identidade ao lugar”¹⁰. No entanto, é fundamental ressaltar que essa diversidade não implica em uma construção identitária simples e de nenhuma maneira harmônica, como pode sugerir a leitura mais idealizada de Freyre. O convívio entre pessoas de diferentes origens e culturas envolve também tensões, conflitos e disputas, que atravessam os processos de construção da identidade do território. Desse modo, a construção do subúrbio carioca não pode

⁹ FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1992.

¹⁰ BARBOSA, Fernando Cordeiro. Nordestinos no Rio de Janeiro: alteridades e legados culturais. Niterói, RJ: Eduff, 2021.

ser idealizada e é atravessada pelas desigualdades sociais e raciais, de modo a criar espaços segregados dentro da própria periferia.

Nesse contexto territorial diverso, o Méier se estabelece como espaço de múltiplas expressões culturais que, embora distintas, se articulam em um mesmo lugar. Isso se manifesta tanto nas tradicionais festas e procissões das igrejas de Nossa Senhora de Aparecida e da Basílica Imaculado Coração de Maria, quanto nas práticas culturais promovidas pelo Coletivo Suburbano Leão Etíope do Méier. Manifesta-se nas festas da agremiação Amigos da Joaquim Méier, que exaltam o samba, ritmo carioca cujas raízes se fincam no subúrbio. Bem como nas rodas de capoeira realizadas em frente ao Shopping do Méier. Essa reunião de expressões diversas, associada a um modo de viver marcado por forte senso de coletividade e pertencimento, distingue o subúrbio de outras regiões da cidade.

Esse caráter de pertencimento crescente também aparece na música popular brasileira contemporânea, como na canção de Arlindo Cruz quando ele canta: “Suburbano nato com muito orgulho / mostro no sorriso, nosso clima de subúrbio” (Arlindo Cruz, *Meu Nome É Favela*, 2011). Esse orgulho está no cotidiano da vida suburbana, quando apresenta características próprias desse lugar de rica identidade cultural, como as crianças brincando nas ruas, empinando pipas¹¹ (Figura 1); moradores mais velhos sentados em cadeiras nas calçadas conversando ao entardecer (Figura 2); o churrasco de domingo na varanda, entre outras práticas cotidianas que estruturam o modo de vida desses bairros. Essas formas de viver, entretanto, encontram-se ameaçadas pela destruição progressiva de patrimônios não reconhecidos como significativos para a identidade cultural da região.



Figura 1: Domingo no Engenho Novo, foto Valéria Silva, 2012.



Figura 2: Cadeiras na calçada em Marechal Hermes, foto de Roberta Domingos, s/d.

Essa identidade construída sustenta-se, em grande medida, nos patrimônios edificados do bairro, tanto nos de maior monumentalidade, como a Basílica Imaculado Coração de Maria e o Coreto do Méier, quanto, nos edifícios de menor excepcionalidade de caráter corriqueiro, como as casas populares históricas suburbanas.

As Casas Populares Históricas Suburbanas

¹¹ “Ainda é possível ver muita gente soltando pipa no Rio de Janeiro, sobretudo nos subúrbios [...]. A selvageria urbana, todavia, é inimiga de morte dos papagaios; e a verticalização da cidade é assassina dos ventos.” SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. p. 62.

Presentes no Méier, as casas populares constituem um conjunto de expressões arquitetônicas inseridas em um contexto suburbano, afastado do centro histórico do Rio de Janeiro, o que se reflete em edificações mais simples e com menor disponibilidade de recursos. É importante ressaltar que, para que uma arquitetura seja considerada válida, ela não precisa necessariamente ser produzida com grande aporte financeiro, mas sim ser capaz de responder às necessidades de moradia, seja no período inicial de crescimento do subúrbio, seja na atualidade. Nesse sentido, as residências populares afirmam-se como uma arquitetura legítima e expressiva em suas manifestações. O conjunto dessas casas apresenta relativa homogeneidade e, mesmo sob diferentes influências, estabelece entre si um diálogo formal que conforma uma ambiência caracteristicamente suburbana. Ao caminhar pelas ruas do Méier, é possível observar como a diversidade arquitetônica narra a história do lugar e os modos de vida de seus moradores. As camadas históricas sobrepostas no tecido urbano revelam relações construídas a partir do diálogo entre os edifícios, que, em conjunto, contam a trajetória do bairro.

“É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases. É esta dimensão que permite que a cidade se encarregue de contar sua história.”
(ROLNIK, 1995, O que é cidade?)

A presença contínua dessas residências ao longo do tempo produz um ambiente relativamente harmônico, marcado por uma paisagem urbana coesa, próxima à escala humana, favorecendo a relação direta entre casa e rua. Nesse contexto, as casas suburbanas com alpendres e varandas assumem papel central, pois “As varandas têm papel fundamental para as relações dos moradores, adquirindo função de filtro, como elemento de transição da rua para a casa”¹². É a partir das janelas na beira da rua, dos jardins frontais e dos muros baixos (Figura 3 e 4), que se estabelecem condições favoráveis à sociabilidade entre vizinhos, à vigilância informal e à apropriação do espaço público como extensão do espaço doméstico.

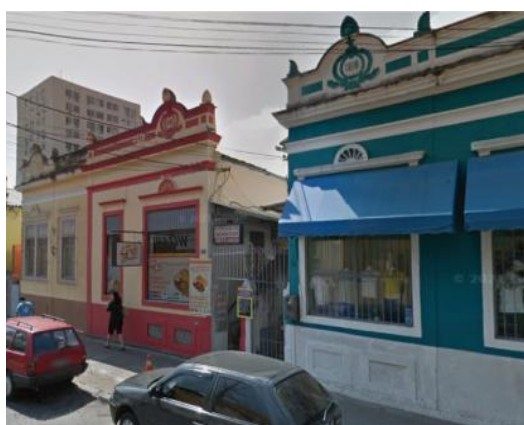


Figura 3: Rua Castro Alves, nº 94 e 96, 2011. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 4: Rua Jacinto, nº 26, 2011. Fonte Google Maps/Street View.

Diante disso, as casas populares surgem no contexto da expansão do subúrbio, dialogando com os princípios da “cidade-jardim”, com o objetivo de atender às políticas de higienização urbana, associadas à demanda por uma força de trabalho eficiente, saudável e de baixo custo. Em 9 de

¹² VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. 500 Anos da Casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

dezembro de 1882, foi aprovado um decreto, pelo Império, que isentava de impostos aduaneiros e concedia outros benefícios às indústrias que construíssem casas populares e higiênicas para seus operários¹³, que de fato foi efetivamente realizado por diversas empresas na década seguinte. No início do século XX, uma das principais preocupações com os novos bairros suburbanos era a preocupação em garantir habitação. O objetivo era que fossem moradias baratas e minimamente dignas, para que não houvesse a proliferação de doenças, mas também para atrair trabalhadores para as novas indústrias que surgiam. Nesse período, buscou-se certa unificação nos dimensionamentos dos elementos construtivos, de modo a reduzir custos por meio da produção em série. Inicia-se, assim, ainda que de forma não generalizada, a padronização de gabaritos e dimensões de portas e janelas. Não se observa, contudo, a aplicação rigorosa de um estilo arquitetônico específico nessas residências, mas sim a combinação de diversas linguagens na mesma edificação.

Desse processo resulta uma mistura informal de referências, como frontões com influências do art déco, nem sempre seguidas de forma rígida, e o uso de azulejos portugueses com representações de santos católicos, associados a influências coloniais, compondo fachadas que se tornam expressões da identidade suburbana popular. Essas influências são, em grande parte, externas, mas é no subúrbio que essa confluência adquire sentido e expressividade próprios, refletindo uma identidade marcada pela inventividade, pela religiosidade e pela mistura cultural no modo de viver dos moradores. Por não estarem vinculadas a um estilo específico, muitas dessas casas foram descritas, nos anos 1990, como “uma arquitetura insossa, bem comportada, que resignadamente disse inspirada na arquitetura dos ricos. Enfim, essa arquitetura anônima de nossas ruas” (LEMOS, 1989, p. 13). Entretanto, é justamente a partir dessa arquitetura das residências econômicas e dos bairros-jardins do subúrbio carioca das décadas de 1920 e 1930 que se configura uma das primeiras tentativas de promover melhor qualidade habitacional em uma região historicamente negligenciada pelo Estado, e que passa, por meio da iniciativa privada, a repensar seus padrões de moradia e de espaço urbano.

As Modificações Nas Casas Populares Históricas Do Méier

As casas populares históricas suburbanas no bairro do Méier estão sendo submetidas a um conjunto de transformações que alteram as suas características arquitetônicas, a paisagem urbana e a ambiência do bairro. Essas modificações se manifestam de diferentes formas, seja por pequenas alterações em ornamentos da edificação, seja mais gravemente, pela demolição do bem e a substituição por edifícios que nada conversam com o tecido urbano característico do bairro. A análise realizada deste estudo baseia-se no levantamento das casas populares históricas entre os anos de 2010 e 2025, a partir da ferramenta do Google Maps/StreetView e de visitas *in loco*. Para o mapeamento foi utilizado software de georreferenciamento do QGIS a partir de informações coletadas em sites institucionais da prefeitura do Rio de Janeiro.

Com o objetivo de analisar as edificações, foram definidos parâmetros a serem preenchidos em uma ficha de cadastro (Figura 5), para a catalogação desses bens, especificados em: análise de proteção vigente, número de pavimentos, uso atual do edifício, tipologia, influência estilística, data aproximada de construção e estado de conservação. Para a análise do estado de conservação, foi observado elementos essenciais do edifício para a sua proteção, como: a volumetria, a fachada e o telhado. Diante disso, as transformações identificadas e mapeadas nas casas do Méier foram

¹³ BRASIL. Decreto Legislativo nº 3.151, de 9 de dezembro de 1882. Coleção de Leis do Império do Brasil, 1882, p. 150

separadas em três categorias de modificações do patrimônio: **descaracterizado**; **arruinado**; e **demolido**.

FICHA CADASTRAL DE BEM ARQUITETÔNICO
RestauArq - UFRJ

MÉIER

Endereço: R. Galdino Pimentel, 39 - Méier, Rio de Janeiro - RJ, 20735-260	
Proteção Vigente: Nenhuma	Proposta: Nenhuma
Pavimentos: Um	Uso Atual: Comercial
Tipologia: Casa Térrea	Influência Estilística: Neocolonial
Construção: 1930-1950	Conservação: Demolida (2016)

Fotografia e implantação:

2024



2011





Figura 5: Ficha Cadastral do Bem Arquitetônico. Elaborada pelo autor, 2025.

A primeira categoria de patrimônio descaracterizado inclui as casas que passaram por um processo de modificações que ainda é possível observar a unidade potencial do bem, com o seu valor cultural, mesmo diante das mudanças. Os casos dessa categoria incluem casas que os proprietários expandiram criando anexos, construíram muros altos, removeram parcialmente ornamentos, ou que esconderam partes da edificação, a partir de cartazes ou letreiros.

Patrimônio Descaracterizado: Criação de Anexos

O primeiro caso a ser apresentado (Figura 6 e 7) trata-se da criação de anexo nesta casa na Rua Domingos Freire. Nestas imagens é possível observar as alterações no telhado original da residência para a construção de um segundo pavimento. Neste caso, essa modificação não decorre de uma oposição ao patrimônio cultural, mas de uma necessidade dos moradores, que infelizmente não encontram orientações técnicas e agem de modo a não manter a conservação do bem. Desse modo, a intervenção realizada compromete a leitura arquitetônica do imóvel, mas se torna quase

inevitável, já que as políticas públicas de preservação não se preocupam em oferecer orientações e alternativas viáveis para que os moradores possam ampliar suas casas sem destruir o patrimônio.

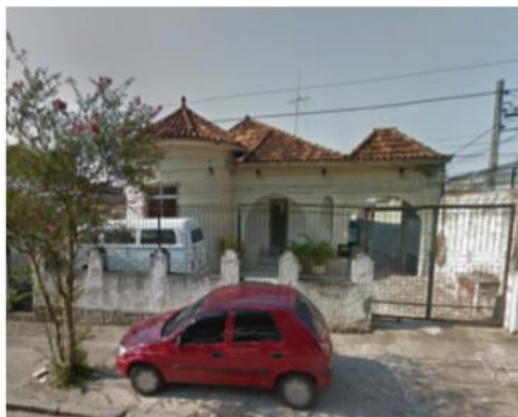


Figura 6: Rua Domingos Freire, nº 137, 2011. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 7: Rua Domingos Freire, nº 137, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Descaracterizado: Construção de Muros

No seguinte caso surge a construção de muros altos, em que é possível observar (Figura 8 e 9) não existe uma troca entre o dentro e o fora, dessa forma estabelece-se uma ruptura, um limite. O muro surge de uma falsa sensação de segurança permitindo um fechamento visual da residência, dessa forma, se perde o aspecto de leitura do bairro aos pedestres que andam pela calçada, promovendo sobretudo, o fechamento da casa ao bairro e do bairro a si mesmo. O espaço público perde diversidade, porosidade, interação e segurança. A rua que outrora era um lugar de convivência torna-se apenas um lugar de atravessamento, resultando em um empobrecimento do espaço urbano, em que ninguém se vê, ninguém se encontra.



Figura 8: Rua Adriano, nº 251, 2014. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 9: Rua Adriano, nº 251, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Descaracterizado: Remoção de Ornamentos

O próximo caso encontrado pelas ruas do Méier trata-se de casas históricas que tiveram seus ornamentos removidos. No caso desta residência (Figura 10 e 11) é possível observar que essa modificação está atrelada ao processo de “modernização” da casa que tende a eliminar qualquer tipo de elemento ornamental, decorativo a fim de uma neutralidade e limpeza visual. Os

ornamentos que conferem uma identidade característica do lugar, aos valores acumulados pelo seu processo histórico, as influências estilísticas estabelecidas no bairro, infelizmente passam por esse processo que ocorre sem acompanhamento técnico especializado, perdendo a sua expressividade, história e simbologia. Resta-se assim apenas uma superfície genérica, que poderia estar em qualquer lugar onde o passado é lixado e esquecido.



Figura 10: Travessa Comendador Filips, nº 17, 2010. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 11: Travessa Comendador Filips, nº 17, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Descaracterizado: Letreiros

A instalação de letreiros constitui uma forma recorrente em edificações que adquirem ao longo do tempo o uso comercial. Esses elementos cobrem parcial ou integralmente a fachada original, cumprindo com eficiência sua função principal, que é ocultar a fachada original e tornar o patrimônio cultural perfeitamente invisível. Nesse caso (Figura 12 e 13) é possível observar que a edificação já tinha passado por um processo de modificação em sua esquadria original e com o passar do tempo adquire esse novo caráter que a memória cede lugar a mercadoria e deixa o bem recoberto, invisibilizado e silenciado dentro da história do Méier. O edifício histórico continua existindo, mas agora apenas como fundo, um mero suporte para o letreiro. Desse modo, a escolha da preservação da edificação histórica permanece, desde que não atrapalhe as vendas.



Figura 12: Rua Dias da Cruz, nº 372, 2015. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 13: Rua Dias da Cruz, nº 372, 2023. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Arruinado:

A segunda categoria analisada durante o processo de análise das casas populares suburbanas foi o processo de arruinamento do bem. Para a identificação dos bens arruinados, foi observado o processo de ausência de cuidados com o imóvel ao longo dos anos, deixando o bem à mercê do tempo e das intempéries como o exemplo a seguir (Figura 14 e 15). Dessa forma causando danos significativos, comprometendo estruturalmente a residência. É perceptível no caso da Rua Aquidabã que o imóvel passou pela ausência de cuidados, sem manutenção e sem conservação, deixando o bem em um estado tão deteriorado que se torna inseguro e sem utilização. O imóvel permanece de pé apenas o suficiente para justificar a sua futura demolição, funcionando como uma espécie de argumento visual a favor do próprio desaparecimento. Infelizmente, estabeleceu-se como um fragmento histórico perdido do bairro.



Figura 14: Rua Aquidabã, nº 975, 2011. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 15: Rua Aquidabã, nº 975, 2023. Fonte Google Maps/Street View.

Para Ruskin, a ruína é o resultado digno e natural do tempo sobre a arquitetura, desde que seja fruto da degradação lenta provocada pelo tempo. No entanto, os casos encontrados no Méier são de edificações que foram resultados de abandono e negligência com o patrimônio histórico, tornando-se um testemunho de um sintoma de desvalorização cultural. Trata-se de um resultado de uma política eficaz de deixar o imóvel degradar até que não reste alternativa senão demolir. Dessa forma, essa edificação torna-se um elemento vulnerável, sujeito a substituição em uma clara troca entre o abandono da memória para o crescimento do mercado imobiliário.

Patrimônio Demolido: Sem Uso

A terceira categoria e mais preocupante é a de patrimônio demolido, pois nela é possível observar o processo de desaparecimento das casas populares históricas suburbanas. Após a demolição, os lotes passam a assumir usos diversos, como lote sem usos, estacionamentos, novos empreendimentos residenciais, comerciais e de serviço. Este caso (Figuras 16 e 17) resulta no apagamento da história do bairro, produzindo vazios urbanos. Essas demolições estão frequentemente associadas a estratégias de especulação imobiliária, para a valorização do terreno e a venda dele. Na própria imagem é possível observar a existência de uma placa escrita “Vende”. A casa que apresentava influências ecléticas, com uma clara função social foi trocada por um vazio. Aquilo que antes era memória torna-se uma oportunidade de negócio. A demolição desse patrimônio não constitui apenas uma perda material, mas uma perda da história e a continuidade do desaparecimento de todas essas edificações de menor monumentalidade podendo gerar o desaparecimento da identidade característica suburbana do bairro.



Figura 16: Rua Maranhão, nº 396, 2015. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 17: Rua Maranhão, nº 396, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Demolido: Estacionamento

A demolição da edificação da Rua Silva Rabelo, nº81 (Figura 18) para um novo estacionamento (Figura 19) reflete a forma de tratamento com as casas suburbanas. A edificação já havia passado por um processo de adaptação, quando ela adquire um novo uso de creche e consegue preservar a arquitetura com pequenas modificações no bem, conciliando de forma harmoniosa o novo uso. No entanto, não encontram incentivos para a conservação do imóvel, cedendo-se a venda para um novo proprietário, que demoliu a antiga casa para a construção do estacionamento. Onde havia portas, janelas e moradores dá lugar aos carros. O apagamento dos edifícios históricos é uma ação premeditada com o intuito de gerar renda temporariamente, enquanto se espera a valorização do solo e um novo comprador para usufruir de um lote vazio. Enquanto isso, a rua presencia uma lacuna histórica, a memória é apagada, se estabelece um vazio urbano com um alto valor especulativo, com uma área impermeabilizada, se transformando-se em uma nova ilha de calor para o bairro.

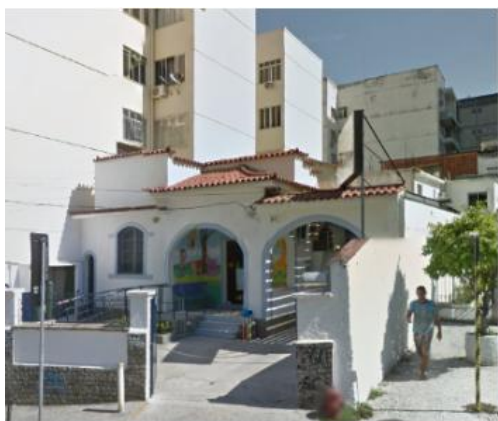


Figura 18: Rua Silva Rabelo, nº 81, 2014. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 19: Rua Silva Rabelo, nº 81, 2025. Autor.

Patrimônio Demolido: Condomínio

O próximo caso é a demolição das casas populares por novos condomínios, como o exemplo dessa casa com influências neocoloniais missão espanhola, com a presença de um torreão (Figura 20),

que deu lugar a um edifício residencial. (Figura 21). Esse tipo de edificação afeta profundamente a estrutura espacial e a ambiência característica do Méier. Essa verticalização rompe a antiga relação direta entre casa e rua, introduzindo uma separação mais rígida entre espaços públicos e privados, o que fragiliza as relações de vizinhança e a vida comunitária. Além disso, essa dinâmica de expansão do mercado imobiliário está atrelado ao fator de aumento de arrecadação municipal, já que se a antiga residência fosse protegida pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), responsável pelos bens culturais municipais do Rio de Janeiro, poderiam estar isentos do pagamento de impostos, como o IPTU. No entanto, com empreendimentos de grande porte, como o condomínio em questão, a arrecadação de tributos fiscais sobre o imóvel se torna muito mais lucrativa para os cofres públicos. A substituição das casas por condomínios verticais é apresentada como sinônimo de progresso e evolução. Desse modo, o patrimônio não é visto como um bem cultural e passa-se a ser um obstáculo para a prefeitura. Aos moradores do Méier se perde a identidade tradicional do bairro, os laços de convivência e a história. Em contrapartida, se ganha um progressivo aumento do custo de vida.



Figura 20: Rua Vilela Tavares, nº 33, 2011. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 21: Rua Vilela Tavares, nº 33, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

Patrimônio Demolido: Edifícios de Grande Porte

Entre os casos identificados, destaca-se a demolição de uma casa popular histórica com influências neocoloniais e ornamentos em estuque (Figura 22) para a implantação de um hospital (Figura 23). A substituição poderia ser compreendida como uma ação de interesse público, associada à ampliação da infraestrutura de saúde. Contudo, a configuração final do lote revela uma contradição. O espaço anteriormente ocupado pela residência histórica não abriga o edifício hospitalar, mas apenas o acesso e a área de entrada do estacionamento. Assim, a demolição do bem não se deu por necessidade direta do equipamento, mas para atender a uma lógica funcional voltada ao automóvel. Essa intervenção explicita a hierarquização de valores que marca as modificações no Méier. A arquitetura histórica suburbana, por sua condição ordinária e por estar localizada fora das áreas centrais, é tratada como descartável.



Figura 22: Rua Silva Rabelo, nº 100, 2011. Fonte Google Maps/Street View.



Figura 23: Rua Silva Rabelo, nº, 100, 2024. Fonte Google Maps/Street View.

A partir desses casos, a Figura 24 apresenta o mapeamento dos bens classificados como descaracterizados, arruinados e demolidos no bairro do Méier, elaborado a partir do levantamento realizado entre os anos de 2010 e 2025 pela ferramenta do Google Maps/StreetView e identificou 1.237 edifícios históricos, dentre eles 414 bens modificados. Desses bens, foram 338 descaracterizados; 7 arruinados; e 69 demolidos. É importante observar na Figura 25 que, no momento da análise desta pesquisa, existem 11 edificações protegidas no Méier e 812 passíveis de proteção.

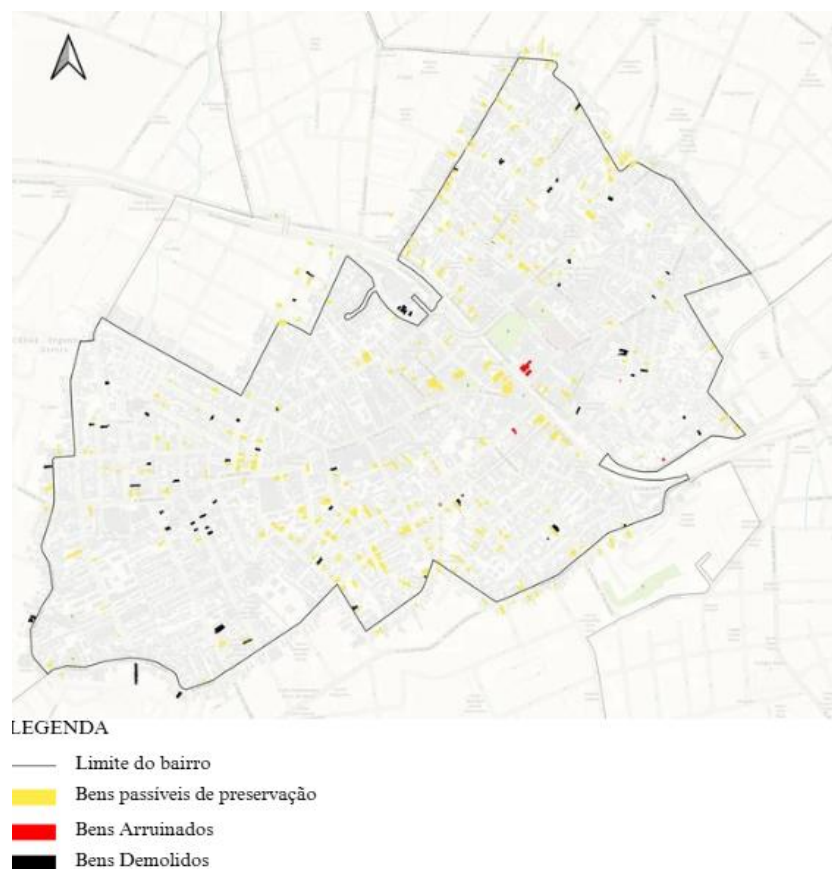


Figura 24: Mapeamento de edifícios históricos modificados no Méier, entre os anos de 2010 e 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

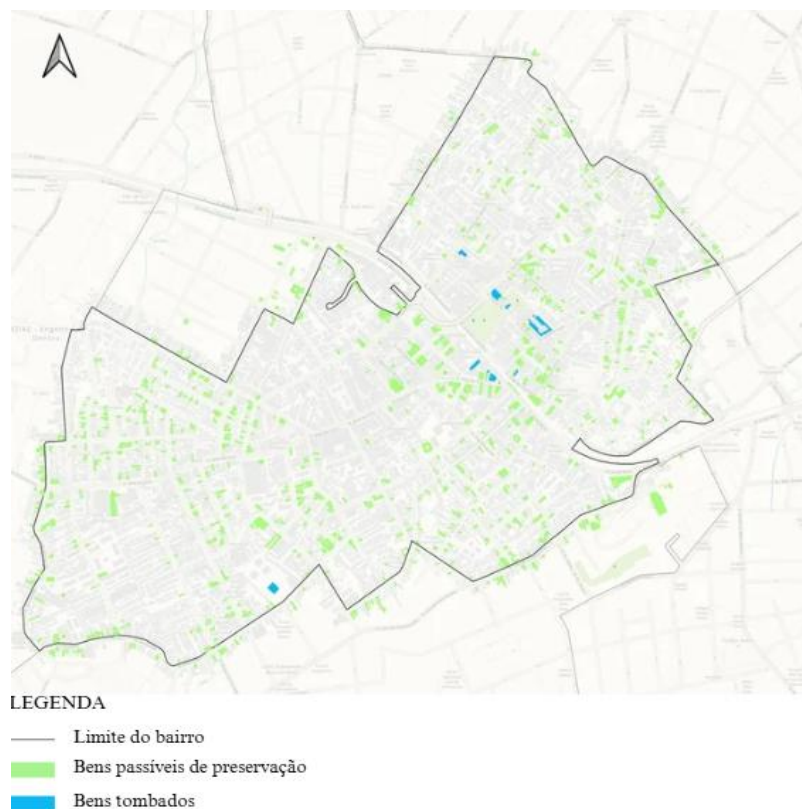


Figura 25: Mapeamento de edifícios protegidos e edifícios passíveis de proteção, entre os anos de 2010 e 2025.
Elaborado pelo autor, 2025.

Conclusão

As transformações identificadas nas casas populares históricas suburbanas do Méier revelam um processo contínuo de esvaziamento da memória urbana, que não se limita à perda de edificações isoladas, mas compromete o conjunto da paisagem e o modo de vida do bairro. A descaracterização, o abandono e a demolição desses imóveis produzem impactos diretos na vida cotidiana dos moradores, ao enfraquecer as relações de vizinhança, romper a escala humana das ruas e a perda do sentimento de pertencimento historicamente construído no subúrbio.

Embora algumas intervenções estejam associadas a necessidades dos moradores, a ausência de políticas públicas de preservação, orientação técnica e reconhecimento institucional empurra esses bens para a informalidade e para a perda progressiva de seus valores culturais. A não proteção das casas populares do Méier não é por um acaso, mas resultado de uma lógica patrimonial seletiva que marginaliza o subúrbio e desqualifica suas arquiteturas ordinárias, tratando-as como bens de menor valor ou como obstáculos ao desenvolvimento urbano. Esse cenário é agravado pela atuação do mercado imobiliário e pela omissão do poder público, que, ao priorizar a arrecadação e o adensamento de moradores, naturaliza a substituição dessas casas por empreendimentos de grande porte. O resultado é uma paisagem cada vez mais genérica, que ignora a história local e impõe aos moradores uma quebra com suas referências afetivas e culturais.

Preservar as casas populares suburbanas do Méier não significa impedir a transformação do bairro, mas assumir uma posição política diante da cidade de reconhecer que a memória, a

identidade e a qualidade do ambiente urbano não se constroem apenas a partir de monumentos consagrados, mas sobretudo do tecido cotidiano que sustenta a vida urbana. O objetivo não é congelar o bairro no tempo e proteger todas as casas passíveis de proteção, mas que exista um interesse público em analisar esse conjunto e proteger partes essenciais para preservar a ambiência característica e contar a história do bairro. A ausência de ações efetivas de proteção e de instrumentos adequados coloca em risco não apenas edificações históricas, mas a própria continuidade da experiência suburbana que historicamente definiu o Méier.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2013. p. 43–71.
- BARBOSA, Fernando Cordeiro. *Nordestinos no Rio de Janeiro: alteridades e legados culturais*. Niterói, RJ: Eduff, 2021.
- BARRETO, Lima. A estação. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 out. 1921. In: BARRETO, Lima. *Obra reunida*. Rio de Janeiro, 2004. p. 440.
- BATISTA, Wilson; DUNGA. *Samba do Méier*. Intérprete: João Nogueira. Rio de Janeiro: [s.n.], [1981]. 1 gravação sonora.
- BRASIL. Decreto Legislativo nº 3.151, de 9 de dezembro de 1882. *Coleção de Leis do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1882. p. 150.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DUNLOP, Charles J. *Apontamentos para a história dos bondes no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949. p. 6.
- DVOŘÁK, Max. *Catecismo da preservação dos monumentos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- FERNANDEZ, Annelise C. F. *Orgulho suburbano: o projeto de dignificação dos subúrbios do Rio de Janeiro na imprensa de bairro (1948–1957)*. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 16, p. 143–162, 2005.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico do subúrbio: urbanização, cultura e política no Rio de Janeiro (1858–1945)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- GUEDES, Gabriel Marques; NETO, Ronaldo M. dos Santos; PAVAN, Juliana S. *A DEGRADAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS ARQUITETÔNICOS NO SUBURBIO CARIOCA: O CASO DO BAIRRO DO MÉIER*. Salvador: Arquimemória 6, 2024.
- GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura kitsch suburbana e rural*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal)*, realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1907.

ROCHA, Josielle Cíntia de Souza. A renovação do Méier e a cristalização de Piedade. 2005. Trabalho de conclusão de especialização – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RUSKIN, John. As sete lâmpadas da arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895–1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. As casas populares e a formação do subúrbio carioca. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro, 2009.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. 500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 36.